

Lobisomem: O mito, a crença e o fetiche em Joanópolis – SP

**Luciano Maciel Galvão de França¹,
Orientadora: Zuleika Stefânia Sabino Roque²**

¹Univap Pós graduação, Rua Tertuliano Delphim Jr. 181, lucianomacielgalvao@hotmail.com

²Univap Pós graduação, Rua Tertuliano Delphim Jr. 181, stefania.sabino@hotmail.com

Resumo- Um mito difundido na região fronteira de São Paulo com Minas Gerais, intitula a cidade de Joanópolis como a capital mundial do Lobisomem. Isto se deve aos freqüentes relatos de avistamento do Lobisomem neste município, o que serviu de inspiração e posteriormente como tese de mestrado para a folclorista Maria do Rosário de Souza Tavares de Lima, pesquisa que transformou-se no livro intitulado: “Lobisomem: assombração e realidade” (1983). À partir deste momento o Lobisomem se tornou “produto” da cidade, um “produto” comercializado com fins turísticos. Mas como a população identifica e aceita o mito e o rótulo da cidade como sendo a capital mundial do Lobisomem?

Palavras-chave: Lobisomem, Cultura Popular, Folclore

Área do Conhecimento: Ciências Humanas

Introdução

A descoberta do tema da pesquisa (Mito do Lobisomem), deu-se através de uma viagem apenas visando o entretenimento e o descanso da correria da cidade. A cidade de Joanópolis foi escolhida devido a parentes pertencentes ao núcleo de amigos. O contato então com as histórias do Lobisomem e sua relação com a cidade, foram contadas da forma habitual, à beira do fogão de lenha durante a preparação da “janta”.

Durante a viagem, o interesse e a curiosidade pelo mito ficou evidente desde o início, e em momento algum foi manifestado a credibilidade em tais relatos ou não, mas a cada “causo” relatado, vinha acompanhado de um “você pode achar que é mentira” “se eu te contar você não acredita” ou até mesmo “vocês que vem de fora acha que é besteira, que é coisa da nossa cabeça”.

A curiosidade pelas histórias, está evidenciada na crença, e ao que eles associam como verdadeira a existência do Lobisomem, e como um pesquisador, o papel que por hora assume-se com esta pesquisa, houve o desejo platônico de cruzar com o tal para relatar a existência à sociedade, o encontro com o lobisomem, nesse caso, seria um desafio e não um fardo. Quando era dividido este desejo, as pessoas nos encaravam com um certo olhar de incerteza sobre as reais intenções, mas por vias de fato, alegavam não se atreverem a sair a noite de casa durante a semana santa.

Durante a conversa, Gorete (autônoma,54), diz não ter visto, mas alega mesmo assim, acreditar principalmente por conta

do relato do irmão (Benedito, 44), porque segundo ela, ele não teria motivos para mentir sobre esta história, porque ele não ganharia nada mentindo, porque ele não ganha dinheiro vendendo o mito do Lobisomem. Tal posicionamento, jogou luz sobre a conotação que a cidade estava transmitindo à população com relação à utilização do mito. Já que a sua utilização mercantil estaria podendo ofender as pessoas que acreditavam e respeitavam o mito. Percebeu-se que poderia existir na cidade uma certa resistência com relação à utilização do Lobisomem como signo da cidade de Joanópolis.

Na obra intitulada *The Book of Werewolves* (O Livro dos Lobisomens) do escritor inglês Sabine Baring-Gould publicado em 1865, o autor vem a identificar que o lobisomem é um mito gerado pelo medo do paganismo somado ao verdadeiro terror que os europeus sentiam em relação ao lobo, um animal que era muito perigoso para os camponeses e aldeões. Este medo fundador do mito, sofreu alterações de acordo com o tempo e também com a sua trajetória, conforme foi sendo incorporada por outros países. (site Criadores de lobisomens)

Para tornar-se folclórico ou fato folclórico é necessário (..) a aceitação coletiva, a aceitação do fato pelo povo. O povo aceitando o fato toma-o para si, considerando-o como seu, e o modifica e transforma, dando origem a inúmeras variantes; a terceira característica é a transmissão oral, isto é, a que se faz de boca, pois os antigos não dispunham de outros meios de comunicação, vivendo aí

toda a história daquele grupo, daquele povo (site Portal de Joanópolis)

Pouco adianta uma cidade se intitular referencia mundial de algum determinado assunto, caso a população não reconheça tal identidade. Para que tal política surta efeito, é necessário que a população articule a proposta que está surgindo pelos outros estratos sociais com os seus valores e suas crenças, para que tal proposta tenha significado para si. Por isso, procurou-se analisar as articulações que a população desenvolve para se adequar a esta nova dinâmica que este símbolo agora comercializado impôs à cidade.

Buscou-se compreender a construção do discurso que envolve o mito do Lobisomem em Joanópolis, discutindo, quais são as instituições, os responsáveis pela criação e preservação deste discurso na cidade. Este trabalho cria discussões em torno da cultura sendo usado para fim comercial, um mito que movimenta a economia e o turismo de uma pequena cidade do interior de São Paulo. Inclusive, prática esta que tem sido muito difundida recentemente, por isso, iremos discutir estas ações e as formas como elas se articulam com a sociedade, o Mito e o mercado.

Por isso, analisar o mito folclórico usado com fins comerciais e a relevância deste mito para a sua população (a importância que ela dá, e a crença que ela tem), se configura como o objetivo deste trabalho. O trabalho visa também, discutir as duas situações/propostas com as pretensões/desejos das duas partes. (ou seja, a parte tal e tal)

Metodologia

A pesquisa se baseou na análise das entrevistas realizadas com moradores, e também da análise do próprio ambiente que os habitantes convivem diariamente. Isto para que pudéssemos entender os símbolos que a população tem contato e como eles absorvem toda essa oferta de signos da cidade.

Para a adoção do critério na escolha dos entrevistados, decidiu-se por abordar pessoas de estratos distintos, com o intuito de obter diversos pontos de interpretação do espaço. Para tanto abordamos pessoas que: acreditavam no mito e eram oriundas da cidade; pessoas que não eram oriundas da cidade mas que acreditavam no mito; pessoas oriundas da cidade que não acreditavam no mito; pessoas relacionadas diretamente com a divulgação e o trabalho com o mito; pessoas diretamente relacionadas com o discurso da Igreja, e não acreditavam no mito; pessoas que afirmam terem visto o Lobisomem e também

turistas que foram a cidade em busca do mito. Seguindo desta forma o conceito defendido por Geertz (Geertz, 1989) como “descrição densa” a partir de uma etnografia antropológica.

Aproveitando o conceito de Geertz sobre a metodologia de pesquisa, emprestou-se também o seu conceito sobre cultura para nortear a discussão deste trabalho. Para Geertz, cultura é um sistema simbólico, característica fundamental e comum da humanidade de atribuir, de forma sistemática; racional e estruturada, significados e sentidos “às coisas do mundo”, portanto, se tratam de “estruturas de significados socialmente estabelecidas”. (Geertz, 1989, p 23)

Pretende-se com este trabalho distanciar-se de abordagens que situem o espaço da cidade apenas como um campo de batalha, porém, ao se enfatizar a questão sobre o consenso em torno do mito, percebeu-se a impossibilidade de discutir o mito sem lidar com uma relação litigiosa, tensa que envolve a relação oferta/aceitação por parte da população com relação ao novo símbolo mítico da cidade. Por isso, assim como Hall afirma que “a cultura popular está no embate entre o que é e o que não é do povo”, o trabalho também está na beleza do repertório que circunda o mito e sua história e o conflito entre o signo/símbolo “legítima” da cidade (São João Batista).

Resultados

As incorporações simbólicas do Lobisomem quase sempre estão associadas à religião. Existe uma história que segue um padrão e que é identificada em vários lugares, inclusive em outras cidades. Nesta história uma mulher acompanhada de seu filho recém nascido e de seu marido saem a convite deste para irem a uma reza (em outros casos visitar algum amigo), no meio do caminho o homem pede para sua esposa esperar, enquanto ele vai no meio do mato fazer xixi (em outros casos falar com outro conhecido). Neste meio tempo em que ela está esperando aparece o Lobisomem, ela corre para se salvar e sobe numa árvore (atrás de cupinzeiro ou porteira), mas ela não chega a ficar muito alta, e acaba ficando ao alcance do Lobisomem, só que o Lobisomem não quer pegá-la, mas sim o bebê. Ela consegue proteger o bebe deixando-o fora do alcance do Lobisomem. Ela chama seu marido que não aparece, dá-se o tempo do Lobisomem e ele vai embora, logo depois, seu marido aparece. À noite em casa enquanto dorme, a mulher reconhece no vão dos dentes do marido fiapos da manta do bebe, e é quando ela vem a fugir. Esta história se mostrou merecedora de uma atenção maior de minha parte, pois ao chegar a casa de minha

namorada e exibir as fotos da viagem, ao comentar sobre o título que a cidade carrega, antes mesmo de comentar sobre esta história, sua avó descreveu este ocorrido só que de uma outra ótica, onde ela afirma que se lembra que uma mulher foi a casa de seu pai quando ela ainda era moça, contar a história descrita acima. Nós temos então este diálogo constante entre as cidades e os mitos, e também com a religião, pois esta história legitima o ataque do Lobisomem sobre uma criança que não era batizada. A associação neste caso visa garantir mais fiéis à igreja, caso contrário podem se tornar alvo do Lobisomem

O termo “Religião” que é usado por Geertz, o define como sistema cultural, e todo sistema cultural é capaz de significar o espaço onde age e sobre quem age. Dessa forma podemos ler essa crença no Lobisomem, no que lhe é proposto pela religião, como fé. E esta fé pertence a diferentes perspectivas, que são em si campos culturais, onde nós transitamos sobre elas.

E esta fé, gerada pela crença em uma religião, denota um padrão de significados (que se tratam dos nossos recursos de capital – intelectual) transmitidos historicamente, incorporado em símbolos, “um sistema de concepções herdadas expressas em formas simbólicas por meio das quais os homens comunicam, perpetuam e desenvolvem seu conhecimento e suas atividades em relação a vida” (1989:66). E estes símbolos sagrados funcionam para “sintetizar o ethos de um povo – o tom, o caráter e a qualidade da sua vida, seu estilo e disposições morais e estéticos - e sua visão de mundo” (1989: 66).

Discussão

João – Daí pra não pode vira, o primeiro tem que batiza o sétimo. O primeiro filho tem que batiza o sétimo. (...) A criança. A criança se num fô batizada ele ataca.

Desta forma, estes símbolos geram modelos de comportamentos, que induzem os motivos, que levam as pessoas, que possuem fé no Lobisomem, a demonstrar inclinações para executar determinados tipos de atos ou ter determinados tipos de sentimentos (1989: 71).

Segundo este pensamento de Geertz, o Lobisomem se configura como Religião para aqueles que nele acreditam. Pois a crença nele faz com que seus crentes modelem seus atos de acordo com o que a sua história manifesta como modelo à ser seguido pelo povo. Ou seja, que os laços familiares tem que ser mantidos com o irmão mais velho batizando o mais novo e é lógico, o

próprio ato de batizar já institui um modelo de quem tem potencialidade de virar Lobisomem ou não. Significam, para a cidade de Joanópolis, símbolos de orientação para a vida em sociedade.

Assim, como quando acontece, de se associar o Lobisomem a pessoas amarelas, magras e pálidas, por exemplo, significando referenciais a pessoas alcoólatras, com problemas hepáticos. E desta forma fazer com que a sociedade olhe essa pessoa e identifique a imagem de Lobisomem e a discrimine, devido a sua conduta alcoólica, que veio a lhe render tal fisionomia. Ou também a própria pessoa se olhar e se recriminar por tal fisionomia, e diante da possibilidade de ser taxado como Lobisomem, se “converter” e abandonar tal vício.

Estes símbolos de orientação, se espalham por outros campos da simbologia do Mito, como por exemplo quando se refere ao fadário de ser Lobisomem e ter que cumprir a penitência de sete anos. Segundo a lenda é porque se trata do sétimo filho homem da família que irá carregar este fadário, e caso não pague este litígio, ele se torna hereditário, até alguém da família paga-lo da forma correta. Só que este fadário é transferível, caso você venha a tirar sangue do Lobisomem, você tem que pagar a penitência no lugar dele. Isto porque a penitência, segundo a crença popular de alguns crentes no Mito, é de origem divina, um castigo imposto por Deus, e que não deve ser interrompido pelo homem.

Quando nos referimos ao fadário, e o fato deste ser transferível, demonstra a alteração que o Mito sofreu, que se refere a uma resignificação do Lobisomem na cidade de Joanópolis. Pois o fadário já inclui ações discriminada pela sociedade características daquela cidade. Ou seja, as ações que não se podem realizar, caso contrário vira o Lobisomem, fazem das pessoas que seguem essas diretrizes, cidadão de Joanópolis.

Mas como pode ser visto em um texto de Aracy Lopes da Silva (Mito, razão, história e sociedade: inter-relações nos universos sócio-culturais indígenas), o mito é algo em constante movimento e também suscetível as mudanças em toda a sociedade. Ela perde significação conforme a sociedade muda os valores, então ela vai associar e incorporar alguns itens simbólicos que lhe são favoráveis, para que o mito não entre em extinção. Podemos identificar esta metamorfose do mito nos seguintes discursos: quando dona Suzana se refere ao fadário do Lobisomem, o porquê dele ter que pagar este fadário, vemos uma associação ainda muito calcada no mito “original”, o que na verdade nós conhecemos, mas quando o seu filho Benedito faz uma associação

sobre o litígio do Lobisomem, ele incorpora outros significados, onde quando questionado sobre o porquê de hoje em dia não “existir” mais Lobisomem como antigamente, ele associa este fato a que antigamente existia muita gente ruim, por exemplo, senhores de escravos, onde uma pessoa era dona de centenas de pessoas, e existia a questão de maus tratos, e não tinha ninguém que contrariasse, pois os escravos eram propriedade dele, e ele fazia o que bem entendesse com o que é dele. Já hoje em dia isto não se repete, porque existiu a lei dos homens, a punição através das leis. Então neste discurso podemos identificar dois pontos, um é na associação mais antiga do mito de criação do Lobisomem. Como podemos entender nas falas de Edison Carneiro, ao citar Ngal, que

(...) a atribuição de um significado ao texto oral são dados a partir de circunstâncias muito específica, como narrador, público a que se dirige, tempo e local em que está sendo dito, contexto que se propõe representar ou interpretar e o modo como está sendo dito e recebido (carneiro, p.9)¹

Conclusão

Para Hall, o terreno da cultura popular, não se trata do campo do enraizamento ou da tênue autonomia, muito pelo contrário, é o campo do embate de poder, é onde existe resistência, mas também existe o “se ajustar”.

Os blocos de poder por toda a via modificam ou impõem “novas culturas”, novos símbolos aos blocos populares. Mas bem sabemos, que não basta impor, tem que existir um processo de coerção e conquista da opinião popular, que se baseia na desconstrução de um símbolo em favor de outro. Em outros momentos também, estes blocos de poder podem tomar para si o símbolo oriundo do popular, neste caso ele já passa por cima do processo que seria o de coerção, pois o mito já pertence à população, o

¹ Esta releitura do Mito não é simplesmente uma reprodução ou submissão mecânica a um conhecimento anterior, mas é “produção de novo conhecimento a partir de elementos adaptáveis que compõem a narrativa e que se combinam com seus elementos fixos”(p.9). Desta forma, o narrador é um repetidor da tradição quando ele possui o conhecimento e transmite o Mito com seus elementos fixos, mas também é um recriador, quando sabe explorar as potencialidades e possibilidades dadas pelos elementos adaptáveis.

único processo a se desenvolver é o de desconstrução e resignificação do mito, dentro das aspirações dos blocos de poder.

Esse processo de reapropriação do popular por parte dos blocos de poder, podem ser notados em Joanópolis. Onde um mito fundado nas tradições e crenças populares, no caso o Lobisomem, foi apropriado pelos blocos de poder da cidade, e começaram a utilizá-lo em seu favor (fim comercial e turístico). Só que esse processo modifica as feições do signo – inclusive estéticas e físicas- este mito se apresenta então, “destituído do popular”, e a população reconhece com que fim ele está sendo utilizado e cultuado na cidade (comercial e turístico). Devido a isto, existe certa ridicularização por parte da população com aqueles que dizem acreditar, pois estes não conseguem identificar este maniqueísmo das classes dominantes e do uso que estes criam para com este signo da cidade.

É o nosso carro chefe... Inclusive eu exploro a imagem, você viu ali na entrada né? Inclusive no começo era Botequim do Lobisomem, e a turma ainda conhece aqui como Botequim do Lobisomem... (comerciante)

Só que em determinados casos a própria população consegue perceber esse uso e se apropria desse discurso, como fetiche, por um eventual momento de participação neste bloco de poder e influência. Isso se configura como as momentâneas possibilidades de transição entre os blocos de poder de acordo com a utilização e importância que você gera e cultua pelo mito.

Referências

-BARING-GOULD, Sabine, **Lobisomem: Um tratado sobre casos de Licantropia**. Madras Editora. São Paulo. 2003.

-CANCLINI, Néstor Garcia. **Culturas Híbridas, poderes oblíquos**. Tradução de Ana Regina Lessa e Heloisa Pezza Cintrão. São Paulo: EDUSP,1997

-CARNEIRO, Edison, **Literatura oral. Correio da Manhã**, 1967. Extraído <http://www.jangadabrasil.com.br/revista/setembro16/es1160915.asp>

-CASCUDO, Luis da Camara, **Licantropia sertaneja**. HTTP//

mcc.ufrn.br/portaldamemoria/wp-
content/uploads/2009/07/licantropia.pdf

-CASCUDO, Luis da Câmara. **Geografia dos mitos brasileiros**. São Paulo: Global, 2002

-ELIADE, Mircea, **Mito e Realidade**. editora perspectiva. SP. 1963

-_____, **O Sagrado e O Profano: A Essência das Religiões**. Ed. Livros do Brasil. Rio de Janeiro. 1992

-GEERTZ, Clifford: **A interpretação das culturas**, Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1989

-HALL, Stuart. **Da diáspora: Identidades e mediações culturais**. Minas Gerais. Ed. UFMG, 2003.

-_____, **A identidade cultural na pós-modernidade**. 6 ed. – Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

-LIMA, Maria do Rosário de Souza Tavares, **Lobisomem: Assombração e realidade**. São Paulo. Edit. Associação brasileira de folclore. 2ª Ed. 2004

-SILVA, Aracy Lopes. **Mito, Razão, História e Sociedade: Inter-relações noa Universos Sócio-Culturais Indígenas**. In. SILVA, Aracy Lopes da & GRUPIO, Luís Donizete (orgs). **A Temática Indígena na Escola: novos subsídios para professores de 1º e 2º graus**. Brasília. MEC/MARI/UNECO, 1995).